

BONECAS QUEBRADAS

Encenação: Verônica Fabrini
Dramaturgo Convidado: João das Neves

Com
Ilea Ferraz
Ligia Tourinho
Luciana Mitkiewicz

CLIPPING

Foto: Patricia Cividanes



BONECAS QUEBRADAS

MOSTRA RUMOS 2015



Sendo as Artes da Cena o lugar da presença e da potência do corpo, e lidando a obra em questão com uma situação de violência, de despedaçamento e de desaparecimento de corpos, como situar o corpo do ator nesse novo paradigma: o do corpo violentado, impotente e ausente?



SINOPSE

O espetáculo Bonecas Quebradas parte da boneca quebrada da ilha de Xochimilco, no México, para dar a ver a terrível história dos feminicídios em Ciudad Juárez, na fronteira com os EUA, onde, desde a década de 1990, 2.000 mulheres foram assassinadas e 4.000 desapareceram. Uma trama que entrelaça violência extrema, capitalismo transnacional e conservadorismo machista na fronteira com o maior consumidor de drogas do mundo.

Além de um espetáculo teatral de base performativa, o projeto propõe outras atividades que buscam aproximar o público do tema e da proposta artística da encenação.



Todas as imagens usadas são da obra "Floreas en el desierto" da artista Margarita Chávez.

Patrocínio: Conaculta-Femsa

SERVIÇO

ESPECTÁCULO BONECAS QUEBRADAS

03 a 05 de setembro de 2015 às 21h

06 de setembro às 19h

Duração: 90 minutos

Capacidade: 100 lugares

Ingressos distribuídos com uma hora de antecedência ao início do espetáculo.

Classificação Indicativa: 16 anos - Piso 2º subsolo

ENCONTRO: "FEMINICÍDIO: UM CENÁRIO DE CORPOS QUEBRADOS"

• Mesa 1: **Feminicídio no México e no Brasil: Patriarcado, Capitalismo e Globalização**

01 de setembro de 2015

Horário: 19h

Duração: 120 minutos

Ingressos distribuídos com uma hora de antecedência ao início do espetáculo.

Classificação Indicativa: 16 anos - Piso 2º subsolo

• Mesa 2: **Ativismo em cena - um cenário de corpos quebrados**

02 de setembro de 2015

Horário: 19h

Duração: 120 minutos

Ingressos distribuídos com uma hora de antecedência ao início do espetáculo.

Classificação Indicativa: 16 anos - Piso 2º subsolo

MINICURSO COM ILEANA DIEGUEZ

"Necroteatro y cuerpos rotos. Mirar y pensar la violencia".

DRA. ILEANA DIEGUEZ (PROFESORA INVESTIGADORA

UAM-CUAJIMALPA, CIUDAD DE MEXICO)

02 de setembro de 2015

Horário: 10h30 às 13h

Duração: 90 minutos

Capacidade: 70 lugares

Ingressos: distribuído com uma hora de antecedência ao início do espetáculo.

Classificação Indicativa: 16 anos - Sala Vermelha

Itaú Cultural: Avenida Paulista, 149, São Paulo

Telefones: 11 2168-1777 / 2168-1776



Apoio



Este projeto é selecionado

Realização



Ministerio da Cultura



rumos 2013-2014: bonecas quebradas

23 de setembro de 2015

obra: *Bonecas Quebradas*

selecionado: Bonecas Quebradas Produções Artísticas Ltda

<http://www.itaucultural.org.br/explore/blogs/rumos-2/rumos-2013-2014-bonecas-quebradas/>

Idealizado por Lígia Tourinho e Luciana Mitkiewicz, o projeto surgiu do desejo de falar da imagem da boneca quebrada e da violência contra o corpo. Para iniciar a pesquisa, elas se basearam na teoria do corpo roto – da doutora e pesquisadora mexicana Ileana Diéguez –, que fala da violência a que o corpo é submetido, especialmente quando assassinado. Com isso descobriram a Isla de las Muñecas (Ilha das Bonecas), no México, local muito procurado por turistas curiosos. O nome da ilha vem de diferentes versões de uma lenda sobre o aparecimento de bonecas despedaçadas em suas margens após a morte de uma menina por afogamento – um morador passou a recolhê-las e a pendurá-las nas árvores do local, onde se encontram até hoje.

O projeto começou a tomar forma quando as artistas, ao lado da diretora Verônica Fabrini, da atriz Isa Kopelman, do dramaturgo João das Neves e de sua equipe, foram ao México para se aproximar da realidade que permeava a pesquisa. Ao chegar lá, e em conversas com Ileana e outros artistas, se depararam com uma realidade muito mais assustadora: o assassinato de mulheres em Ciudad Juárez, que faz fronteira com os Estados Unidos. Conhecida por ser a cidade com o maior número de mortes de mulheres no mundo, Juárez esconde uma triste história de feminicídio como afirmação de poder e demarcação de território. Apesar das denúncias sobre a situação do local, os crimes nunca são investigados ou julgados, pois aqueles que matam de forma premeditada são pessoas que detêm o poder.

A partir do conhecimento dessa realidade em que o corpo da mulher não tem valor – que parece tão distante, mas ainda assim é muito próxima à do Brasil –, o grupo decidiu abordar a importante questão do feminicídio, traçando um paralelo entre os dois países e chamando a atenção para essa triste situação.

Como resultado da pesquisa, a companhia realizou um evento com duração de cinco dias no Itaú Cultural. A programação incluiu dois minicursos com Ileana Diéguez e dois encontros de debate (um intitulado *Feminicídio no México e no Brasil: Patriarcado, Capitalismo e Globalização* e o outro *Artivismo em Cena – um Cenário de Corpos Quebrados*), além da exibição da peça *Bonecas Quebradas* durante quatro dias.

Para saber mais sobre a pesquisa e a construção do projeto, leia a seguir uma entrevista com a diretora Verônica Fabrini, a atriz Isa Kopelman e as idealizadoras e atrizes Lígia Tourinho e Luciana Mitkiewicz.

Vocês podem falar um pouco da ida ao México e de todo o processo de criação até chegarem ao espetáculo apresentado no Itaú Cultural?

Verônica: Já existia um desejo de trabalhar com a ideia mais geral da violência contra a mulher e de se perguntar sobre os diversos tipos de violência, desde os mais culturais e massificantes – que dizem que você deve ser desta forma ou daquela – até os mais concretos, como a violência social.

Isa: Nós começamos a pesquisa aqui no Brasil e em conversas com Ileana Diéguez, autora do livro *Corpo Roto*, no qual analisa os traumas do despedaçamento [do corpo], especialmente em relação às mulheres, mas ainda assim nós não pensávamos que a história fosse tão contundente.

Lígia: Nós chegamos ao México com esse quebra-cabeça e, na nossa primeira imersão, a Ileana começou a trazer materiais, muitos deles sobre as mulheres mortas de Juárez. A proposta inicial do processo era investir nessas imagens/sintomas e ver o que essa imagem/sintoma da boneca quebrada trazia para nós.

Verônica: Eu acho bacana como essas peças separadas foram pouco a pouco construindo um link. Por exemplo, eu conhecia a Isa da Unicamp [Universidade Estadual de Campinas] e ela tem um trabalho com as ideias do Tadeusz Kantor – tinha acabado de traduzir o *Teatro da Morte*. Então eu pensei que seria uma pessoa legal para chamarmos para se juntar ao trabalho, até porque ela também já havia trabalhado com o João das Neves, nosso dramaturgo. Mas nós não imaginávamos que essas peças juntas fossem ter esse resultado e conduzir a gente para uma realidade mais pontual, concreta e tão universal e reveladora.



rumos 2013-2014: bonecas quebradas

23 de setembro de 2015

obra: *Bonecas Quebradas*

selecionado: Bonecas Quebradas Produções Artísticas Ltda

<http://www.itaucultural.org.br/explore/blogs/rumos-2/rumos-2013-2014-bonecas-quebradas/>

Como a questão do feminicídio é abordada no espetáculo? Como ele é construído?

Verônica: Nessa estadia no México, juntamos uma série de materiais, que resultaram em três fatias. A primeira delas é uma fatia sensível, da experiência das atrizes ao entrar em contato com o material – como era a sensação de perceber que aqueles corpos não valiam nada?

Principalmente porque viemos do teatro ou da dança, áreas em que há essa ideia do corpo como algo vital, glorioso. Essa primeira parte mostra como é entrar em contato com uma realidade na qual o corpo é despedaçado, destroçado, distorcido, inglório... E não vale nada. Outra fatia do trabalho é toda a parte documental, que aborda como trazer o assunto para a cena e como tratar sensivelmente os documentos – imagens e entrevistas. E a última fatia são os textos, o olhar do João das Neves como dramaturgo. Acho que os textos que ele produziu não são nem só documento nem só algo sensível.

Lígia: Como já estava na proposta inicial do projeto, a dramaturgia acabou virando um espaço de colaboração. O que aconteceu foi que ele propôs alguns textos e nós propusemos uma série de outros textos a partir do registro documental.

O que é o corpo roto e por que ele foi tão importante para o trabalho?

Verônica: O *corpo roto* é usado para marcar seu território. No caso dos feminicídios, a descrição do que fazem com os corpos das mulheres é muito bárbara: elas não são encontradas onde morreram, mas são expostas em determinados lugares estratégicos com o corpo destroçado, despedaçado, que pode estar sem cabeça ou sem um seio e com o outro arrancado a mordidas, com marcas de desenhos feitos com faca nas costas, queimaduras, costelas quebradas... Então, não é simplesmente matar.

Luciana: Nós assistimos a um seminário da Ileana em 2011, no qual ela trazia essa questão da violência, principalmente na América Latina – foco do trabalho dela –, se perguntando como as artes estão tratando essa violência generalizada. Ela fala do matar, do rematar e do contramatar. O corpo é despedaçado, queimado, jogado no ácido; ele é picotado e desaparece, ou seja, não é só o sofrimento de quem morre, mas também o de todos os que ficam, porque desaparecem com a humanidade e com a dignidade daquela pessoa, e isso afeta toda a sociedade.

A parte documental entra nessa questão?

Luciana: Sim, porque o estupro e a estupro mata para que a vítima não o denuncie. No caso do que vimos no projeto, é muito mais do que isso, pois a intenção já está no ato. Ele vai sequestrar, torturar, estupro, maltratar aquele corpo de todas as maneiras e então matar. Isso já está predeterminado. Em alguns casos, esconde-se o corpo em um frigorífico para, em outro momento, fazê-los aparecer em determinados lugares da cidade. Então o *corpo roto* é também querer dizer alguma coisa com isso, na disputa de territórios entre grupos de criminosos distintos.

Vêronica: Quando nós vemos a respeito, vemos esse tipo de situação por causa da própria impunidade – os casos nunca são investigados, porque envolvem o Exército, a polícia, os políticos, os empresários, ou seja, envolvem todos os poderosos, que nunca passam por investigação. Então, nesse mar de impunidade, há a ideia de que “podemos matar mulher porque ninguém vai nos prender”.

rumos 2013-2014: bonecas quebradas

23 de setembro de 2015

obra: *Bonecas Quebradas*

selecionado: Bonecas Quebradas Produções Artísticas Ltda

<http://www.itaucultural.org.br/explore/blogs/rumos-2/rumos-2013-2014-bonecas-quebradas/>

A parte documental entra nessa questão?

Luciana: Sim, porque o estuprador estupra e mata para que a vítima não o denuncie. No caso do que vimos no projeto, é muito mais do que isso, pois a intenção já está no ato. Ele vai sequestrar, torturar, estupra, maltratar aquele corpo de todas as maneiras e então matar. Isso já está predeterminado. Em alguns casos, esconde-se o corpo em um frigorífico para, em outro momento, fazê-los aparecer em determinados lugares da cidade. Então o *corpo roto* é também querer dizer alguma coisa com isso, na disputa de territórios entre grupos de criminosos distintos.

Vêronica: Quando nós lemos a respeito, vemos esse tipo de situação por causa da própria impunidade – os casos nunca são investigados, porque envolvem o Exército, a polícia, os políticos, os empresários, ou seja, envolvem todos os poderosos, que nunca passam por investigação. Então, nesse mar de impunidade, há a ideia de que “podemos matar mulher porque ninguém vai nos prender”.

Vocês sabem a origem disso?

Verônica: Esse problema aumentou terrivelmente quando foi assinado o Nafta [Acordo de Livre Comércio da América do Norte] entre o México e os Estados Unidos, que permitiu que as grandes montadoras transnacionais estabelecessem suas fábricas na fronteira. Com isso, passou-se a utilizar mão de obra muito barata, o que se juntou a toda uma questão de trabalho análogo ao escravo, com corpos substituíveis. E utiliza-se muita mão de obra feminina, porque é mais barata também. Nos manuais de criminologia, elas são chamadas de “vítimas de baixo risco”, ou seja, você pode matar porque ninguém vai investigar e não tem problema.

Lúgia: Há ainda a questão de quanto a mulher, por séculos, foi entendida como uma posse do homem. E, por essas mulheres serem tidas como de menos-valia, os homens se sentem no direito de dispor delas com mais facilidade, até porque existe uma questão socioeconômica e de gênero nessa história toda. É também interessante observar o quanto a gente se assusta com essa situação, mas, quando olhamos os dados do Brasil, percebemos que nossa relação com o feminicídio também é assustadora, com 50 mil mulheres mortas por ano.

Luciana: Mas o porquê [dessas mortes] é uma grande questão. O que sabemos é isto: a mulher é muito desvalorizada nas sociedades latino-americanas, e a mulher pobre tem ainda esse componente de se tornar uma vítima de baixo risco.

Isa: Sem contar que no México existe uma cultura machista muito forte também. Nenhum motivo justifica.

Verônica: Isso tudo leva à questão do patriarcado, quer ele tome uma forma de preconceito em termos de comportamento, quer ele tome essa característica econômica do capitalismo transnacional.

Vocês tiveram essa ideia a partir do feminismo ou ele se juntou depois?

Luciana: Nosso projeto surgiu [do conhecimento] de uma ilha no México chamada Isla de las Muñecas, onde há bonecas velhas penduradas em árvores numa propriedade, e isso está ligado à lenda sobre uma menina que morreu afogada naquelas águas. Desde então, o caseiro da propriedade encontra bonecas nos canais que margeiam a ilha. Ele começou a recolher essas bonecas e a fazer uma instalação a céu aberto. Então eu poderia dizer que a gente partiu do feminino e chegamos a esse ativismo feminista, porque nós só descobrimos a história de Ciudad Juárez na viagem ao México.

Verônica: Em relação ao feminismo, desde 2010 eu estava fazendo um trabalho sobre violência e, da minha parte, foi isso que despertou muito meu interesse pelo trabalho das meninas. E eu faço um espetáculo que se chama *Mulheres Violentas*, sobre a ideia de como essa violência fica no corpo como uma sombra que não a abandona – é uma coisa que vai acompanhá-la sempre.

Isa: Da minha parte, eu sempre estive perto de movimentos feministas, mas nunca havia participado deles. Por coincidência, a peça em que trabalhei há muitos anos com o João das Neves era uma obra feminista chamada *Mural Mulher*, e foi um trabalho que me marcou muito, porque era de tom épico, jornalístico – e isso imprimiu algo em mim. Depois, eu comecei a me aproximar do assunto da violência e fiquei muito interessada quando elas me convidaram para fazer este trabalho. Fiquei intrigada ao pensar em como era possível falar desse tipo de trauma. Isso também porque sou judia, tenho a marca da memória de uma guerra e, atualmente, de uma guerra que está acontecendo com outro povo – os palestinos – e na qual os judeus são os vilões. Eu acho que, no mínimo, tenho de enfrentar essas questões e essas discussões.

rumos 2013-2014: bonecas quebradas

23 de setembro de 2015

obra: *Bonecas Quebradas*

selecionado: Bonecas Quebradas Produções Artísticas Ltda

<http://www.itaucultural.org.br/explore/blogs/rumos-2/rumos-2013-2014-bonecas-quebradas/>

Lígia: Eu acho que nossa bandeira como grupo não é uma bandeira feminista, mas são temas que estão aí, muito fortes, e que mobilizam. Então, quando você vê que no Brasil a cada hora e meia uma mulher é assassinada por questão de gênero, não tem como não falar disso – independentemente de você ser intimamente ligada ao movimento de defesa das mulheres ou não. Essa é uma discussão muito séria e nos diz respeito o tempo todo.

Eu e a Luciana somos parceiras de trabalho há muitos anos, com a produtora Bonecas Quebradas, e todos os trabalhos que fizemos são ligados ao feminino: a peça *O Chá*, que aborda o feminino e as mulheres numa esfera pessoal, conforme elas lidam com suas frustrações e suas relações; em seguida *As Polacas*, com direção e dramaturgia de João das Neves, sobre as prostitutas polacas no Brasil; e este nosso projeto atual, *Bonecas Quebradas*, que investiga primeiro a imagem da boneca quebrada como um sintoma e depois o que ele revela nesse processo de busca.

Então, o projeto foi como um canal para trazer um tema e, por acaso, todas nós, mobilizadas por essas emoções, sensações e perguntas, nos encontramos nesse lugar para falar dessas questões. É claro que elas se encontram com muitos tópicos feministas, mas não partem somente da bandeira feminista.

Luciana: Afinal, somos todas mulheres, como você pode reparar.



Palco Paulistano

Pontos de vista de um espectador...

Por José Cetra

<http://palcopaulistano.blogspot.com.br/2015/09/bonecas-quebradas.htm>

sábado, 5 de setembro de 2015

ASSIM RASTEJA A HUMANIDADE

Impossível não se indignar e não ficar com um nó na garganta diante dos fatos relatados no espetáculo Bonecas Quebradas em cartaz só até domingo no Itaú Cultural: o assassinato cruel de jovens mexicanas pobres, a maioria de origem indígena, que após serem violentadas e torturadas são mortas e, não satisfeitos, os seus carrascos ainda as estraçalham, jogando pedaços de seus corpos nas areias do deserto. Esses verdadeiros restos que dificultam a identificação das vítimas se assemelham a bonecas quebradas e às vezes são reconhecidos pelos familiares por um pedaço de vestido ou por uma pasta escolar que a menina portava quando foi assediada pelos bandidos. Para dramatizar esses fatos a equipe do espetáculo foi ao México e fez extensa pesquisa que resultou no pungente retrato apresentado ao público.

A encenação de Verônica Fabrini começa de forma singela com uma atriz contando o trajeto que uma menina faz de sua casa para o trabalho ou do trabalho para a escola. Percursos feitos diariamente por cada um de nós e por nossos filhos. Mas os monstros estão à espreita, prontos para atacar e um percurso, agora de vida, pode estar sendo interrompido a partir daquele momento. Devidamente preparado para a violência que está por vir o público adentra o espaço cênico que tem ao fundo lençóis estendidos, bonecos pendurados no teto e a areia do deserto como chão.

Usando imagens projetadas no fundo branco e no chão, depoimentos em telas de TV, canções indígenas e o talento das três atrizes a encenadora mostra toda essa barbárie de forma lúdica e poética ocasionando indignação sim, mas também fazendo o público refletir sobre esse momento sombrio por que passa a assim chamada humanidade

. Impossível não expandir a indignação para a violência com as mulheres brasileiras, assim como, com os homossexuais e com aqueles que têm uma posição política diferente da sua. O ódio está presente na maioria das relações e o poder do dinheiro e do capitalismo selvagem resultam no menino morto naquela praia onde ele poderia estar brincando com seu baldinho de areia. A montagem de Bonecas Quebradas nos faz pensar sobre tudo isso.

A dramaturgia bem amarrada do espetáculo é assinada por João das Neves e foi realizada em processo colaborativo com a diretora e as atrizes.

É um grande prazer ver Isa Kopelman de volta aos palcos de São Paulo. Atriz de grande versatilidade que demonstrava grande potencial nos anos 1980, mas, ao que eu saiba se afastou dos palcos para lecionar na Unicamp. Sua atuação como uma das gêmeas com um imenso laço de fita em A Aurora da Minha Vida -1981- é uma daquelas coisas que a memória insiste em manter em nossa cabeça. Em Bonecas Quebradas Isa tem momentos emocionantes como a mãe que procura em vão pela filha que desapareceu. Luciana Mitkiewicz sai-se bem tanto como uma das meninas que vai desaparecer como uma miss vulgar, protótipo do objeto a ser manipulado pelo macho. Finalmente Lígia Tourinho: torrente de emoções em cena, seu desempenho visceral com gestual e voz de alta potência não deixa o público desviar o olhar sobre ela.

A lamentar a curtíssima temporada (apenas quatro apresentações) de espetáculo tão importante e oportuno para o momento em que vivemos. AINDA HÁ TEMPO ESPECTADORES: Hoje sábado (05/09) às 21h e amanhã domingo (06/09) às 19h no Itaú Cultural. Ingressos gratuitos a serem retirados 30 minutos antes do espetáculo

Paloma Franca Amorim

BLOG

Apresenta novidades e análises em tempo real da equipe de colaboradores do HuffPost Brasil

05 de outubro de 2015

Das entranhas das bonecas quebradas

http://www.brasilpost.com.br/paloma-franca-amorim/bonecas-quebradas_b_8192588.html

A idéia de auscultar uma boneca já parece suficientemente provocativa. O espetáculo *Bonecas Quebradas* da produtora Bonecas Quebradas aquece o teatro em sua melhor categoria histórica: o debate de um tema público à luz da criação estética.

Pude conversar com as idealizadoras do projeto, Lígia Tourinho e Luciana Mitkiewicz.

Nas três perguntas realizadas, as atrizes-pesquisadoras apontaram elementos substanciais ao debate sobre o **feminicídio** na América Latina e à discussão estética de gênero.

Como surgiu o Bonecas Quebradas? De onde veio o desejo de "auscultar a imagem da Boneca Quebrada"?

A ideia do projeto *Bonecas Quebradas* nasceu por meio de um processo colaborativo de construção de cena e dramaturgia, que inclui na criação nomes como Ileana Diéguez (consultoria teórica) João das Neves (dramaturgia), Verônica Fabrini (encenação), Isa Kopelman, Luciana Mitkiewicz e Lígia Tourinho (elenco), Rodrigo Cohen (cenário e figurinos).

Amparada pelo conceito de Anima Mundi, de James Hillman, e de objects-trouvés, de Kantor, a ideia motriz do projeto era a de ouvir a espectralidade que atravessa as bonecas quebradas da Isla de las Muñecas mexicana, a patologia que nelas grita. Em fevereiro de 2015, a equipe de criação foi ao México para aprofundamento da pesquisa da construção do espetáculo. A partir disso, os rumos do projeto começaram a se delinear melhor e a delimitar uma história desconhecida e assustadora: desde a década de 1990, 2.000 mulheres foram assassinadas e 4.000 desapareceram em Ciudad Juarez, na fronteira com El Paso, no Texas. Uma trama que entrelaça feminicídio, capitalismo transnacional e conservadorismo machista na fronteira com o maior consumidor de drogas do mundo: os EUA.

Tecida entre o poético e o documental não-linear, com momentos de alusão ao oratório, típico dos coros gregos, a dramaturgia lança uma luz sobre a história dos assassinatos em Juarez e sobre a continuidade desses crimes: as jovens assassinadas são peças de uma perversa engrenagem. De mão de obra barata, convertem-se em objeto de prazer sádico e de disputa de poder entre narcotraficantes e empresários locais. A impunidade conta com a cumplicidade de uma polícia e de um governo corruptos, que apresentam culpados de fachadas. O feminicídio em Ciudad Juarez é de outra natureza, ainda mais cruel, mais perversa, mais monstruosa e, por isso mesmo, exemplar.

O dramaturgo João das Neves propôs um recorte espacial para a trama, buscando contrastar a riqueza de saberes e culturas ligadas ao cultivo do algodão com a morbidez dos "sembramientos" (desova) de corpos nesses locais.

No espetáculo de vocês há um claro recorte de raça, gênero e classe tratado com muito cuidado pelas vias da performance e da linguagem épica. Como se deu esse "resultado"? Por que essa escolha estética?

Os recortes são resultado dessa abertura a auscultar a imagem da Boneca Quebrada por uma via documental. Durante a pesquisa de campo e o processo de criação realizados no México, o tema da **violência contra a mulher**, desenhado com requintes sacrificiais e com um contorno urbano e neoliberal, vieram à tona e, de forma pulsante, se fizeram texto e cena.

Partimos de uma escuta sobre os documentos e fatos, sobre as experiências da equipe, partilhados no México e continuados no Brasil, que nos remeteram ao deserto, ao campo algodoeiro, à violência contra as mulheres e crianças, aos massacres neoliberais dos povos originários. Não foi uma escolha de denúncia desse massacre de mulheres, em sua maioria pobres e de origem indígena, não fizemos um recorte de raça, gênero e classe, mas o contrário, em sua maioria, essas são as características das vítimas.

Como no Brasil, a violência contra as mulheres negras é assustadoramente maior do que contra as mulheres brancas. Estamos ainda muito distantes da idealizada igualdade de gênero e de etnias.

Paloma Franca Amorim

BLOG

Apresenta novidades e análises em tempo real da equipe de colaboradores do HuffPost Brasil

05 de outubro de 2015

Das entranhas das bonecas quebradas

http://www.brasilpost.com.br/paloma-franca-amorim/bonecas-quebradas_b_8192588.html

Em que medida as teorias feministas permeiam o processo criativo de vocês e se, como mulheres, sentem-se

diretamente afetadas pelo tema?

Nossa peça ativa a denúncia e adentra no campo do *artevismo*. Porém, a força do mito também guia nossa dramaturgia. Evidentemente, é uma guia oposta ao modo como a questão mítica é tratada nesse caso.

Nossa proposta convoca a força mítica ancestral da grande mãe, da Terra (Gaia). Ao convocar a ancestralidade dos povos originários e denunciar o feminicídio, aliado a uma continuidade da exploração e do massacre contra os povos originários, convocamos também o tecer e a ancestralidade mítica das "Choronas" mexicanas.

As mães dessas jovens trazem a força ancestral do mito da Chokani ou de La Llorona, a mais famosa lenda urbana local, que conta a história de uma mulher indígena que teve três filhos com um cavaleiro espanhol que nunca formalizou a relação e depois se casou com uma mulher espanhola. A mais famosa versão da lenda conta que Llorona enlouqueceu de dor e afogou os seus três filhos no rio e se suicidou. Desde então, o seu fantasma grita por seus filhos. É evidente a aproximação dessa lenda com o Mito de Medeia.

Há, porém, outra versão da lenda, que diz que seus filhos foram assassinados por outra pessoa e que ela segue pela eternidade chorando por eles. Nosso trabalho cria uma teia entre o épico, o documental e o mítico: as mães dessas jovens seguem buscando por suas desaparecidas, em uma busca que para muitas se perpetua por toda sua existência, como para Chorona.

Essas jovens geralmente são culpabilizadas por sua própria morte, por serem jovens, belas, por terem saído de casa ainda escuro, para trabalhar e estudar, por retornarem às casas tarde da noite, após a escola. A inversão é regra, a culpa da violência geralmente está nas escolhas da mulher, suas roupas e rotina, e não na atitude do agressor.

As teorias feministas nos ancoram e atravessam. Como não poderia ser diferente, seguimos com um desejo de paz para uma nova Era, onde possamos lidar com mais tranquilidade e respeitar o outro, as diferenças de etnia e gênero e tantas outras.



14

9 a 26/6

4a a sáb., 21h;
dom., 20h.

*Sesc convida
para a estreia do espetáculo*

BONECAS QUEBRADAS

Encenação: Verônica Fabrini
Dramaturgo Convidado: João das Neves

Valido para 2 pessoas. Sujeito a lotação do teatro.

Com
Ilea Ferraz
Ligia Tourinho
Luciana Mitkiewicz

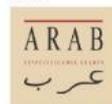
MEZANINO

Foto: Patrícia Civildanes

Sesc Copacabana
Rua Domingos Ferreira, 160
Copacabana
Tel.: (21) 2547-0156

Nº do Alvará de Funcionamento P. Municipal: 201585 | Validade: indeterminada
Nº do Certificado de Registro de Diversões Públicas CBMERJ:
Protocolo nº E-27/635/11071/2016

Apoyo



Realização

PROJETO
MULHERES EM CENA
CORPO E VIOLÊNCIA



O GLOBO

Agenda da semana

com direção, texto e atuação dos espanhóis Sergi López e Jorge Picó.

● Julio Adrião inicia nova temporada de "A descoberta das Américas", de Dario Fo, no Serrador (2220-5033), às 19h30m.

AMANHÃ

● "Bonecas quebradas" estreia no Espaço Sesc

(2547-0156), às 21h. Em cena estão Luciana Mitkiewicz, Lígia Tourinho e Ilea Ferraz. A dramaturgia é de Verônica Fabrini, Isa Kopelman, João das Neves, Luciana e Lígia.

● Ainda pelo Cena Brasil, o autor argentino Sergio Boris estreia "Viejo, solo y puto", que se apresenta até sábado no CCBB, às 19h30m. Os

portugueses Simão Costa e Yola Pinto mostram "C_vib", às 20h45m.

● A Cia. Limite 151 estreia "Vaidades e tolices" no Teatro Eva Herz (3916-2600), às 19h30m. Com direção de Sidnei Cruz, a montagem reúne dois textos de Tchekhov, "O urso" e "O pedido de casamento".

● Com dramaturgia e

atuação de Silvero Pereira "BR-Trans" inicia nova temporada no Poeira (2537-8053), às 21h. Di de Jezebel de Carli.

SEXTA, DIA 10

● Gustavo Gasparani texto e direção do m "Gilberto Gil, aquele que estreia no Teatro Nunes (2511-0800),

Teatro 'Bonecas quebradas'

Reflexão sobre a brutalidade

DIVULGAÇÃO/PATRÍCIA CIVIDANES

Desde 1994, mais de quatro mil mulheres desapareceram e duas mil foram mortas em Juarez, no México. Com esses casos como base, a peça que



estreia hoje no Sesc Copacabana mistura cenas baseadas em relatos reais com projeções para abordar a violência contra a mulher na América Latina. O espetáculo, que tem direção de Verônica Fabrini, faz parte do projeto Mulheres em Cena: Corpo e Violência.

Sesc Copacabana (Mezanino). Rua D...
na (2547-0156)

Bonecas quebradas

Tempo de Duração: 90 minutos

Classificação: Não recomendado para menores de 14 anos

TEATRO E DANÇA

Texto: João das Neves, Verônica Fabrini, Isa Kopelman, Luciana Mitkiewicz, Lígia Tourinho

Direção: Verônica Fabrini

Elenco: Ilea Ferraz, Lígia Tourinho, Luciana Mitkiewicz

roberto pomeraniec carpilovsky

rc@carpilovsky.adv.br

22:18h | 12.jun.2016 |

MEMÓRIAS DE AREIA

CRÍTICA

Os dois mil caracteres disponíveis são insuficientes para descrever a riqueza e o alcance desta peça. O espaço cênico apresenta percurso e configuração peculiares, fazendo com que a plateia se embrenhe corredor adentro até alcançar o ambiente principal. O tema é denso e árido, tratando dos feminicídios ocorridos em uma cidade mexicana – Ciudad Juarez, na fronteira com El Paso, nos EUA –, que conta milhares de assassinatos de mulheres, em sua maioria impunes. As estatísticas são de sequestros, estupros, sevícias e toda sorte de violências, culminando em morte e seguidos da ocultação dos cadáveres. A expressão deste horror foi tamanha que gerou a primeira condenação de um país na Corte Interamericana de Direitos Humanos. As três atrizes – Lígia Tourinho, Luciana Mitkiewicz e Ilea Ferraz – têm a oportunidade de exibir grande versatilidade, agregando ao talento dramático elementos de dança, canto, desenho e expressão corporal. Há episódios de oratórios, funk proibidão, depoimentos em vídeo, projeção de imagens e ainda mais; mesclando habilmente teatro dramático e teatro documental. Como não poderia deixar de ser, o tema também tem como alvo a realidade brasileira em momento de intensas discussões e posicionamentos, como é a proposta do projeto em curso, 'Mulheres em Cena'. Com trajetórias interrompidas – ao terem suas vidas ceifadas por tragédias inconcebíveis –, a ausência destas jovens desequilibram a sociedade como um todo e acusa ser fantasiosa a percepção que vivemos o auge da civilização. O descaso das autoridades impressiona, com suas investigações inconclusas e as inúmeras ocorrências não lavradas como consequência de conduta desrespeitosa e intimidativo. Todo o trabalho deste espetáculo é desenvolvido sobre uma camada de areia, evocando a rusticidade e a ambientação local. Notemos que a areia, assim como a atenção ainda sonogada ao tema em pauta, não tem fidelidade à forma e, pior, sequer tem memória que resista ao vento.



Abri

[Teatro](#)

Bonecas Quebradas

[+ Confira locais e horários](#)

★★★★★ 1 avaliação

★ AVALIAR

Vivian Pizzinga

CRÍTICA

[CRÍTICAS](#)

[TEATRO & DANÇA](#)

BONECAS QUEBRADAS FAZ IMPORTANTE DENÚNCIA À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

POR [VIVIAN PIZZINGA](#)

<http://ambrosia.com.br/teatro-e-danca/bonecas-quebradas-faz-importante-denuncia-violencia-contra-mulher/>

Em 2010, foi lançada postumamente 2666, obra monumental do escritor chileno Roberto Bolaño, dividida em 5 partes. Em uma delas, o autor narra as diversas mortes de mulheres ocorridas em uma cidade do México, fazendo referência à Ciudad Juarez, situada na fronteira com El Paso, e que, em 1993, contabilizou uma série de mortes sem punição.

Trata-se de uma sucessão de descrições literárias das circunstâncias das mortes e dos desaparecimentos de milhares de mulheres, levando em conta suas ocupações, suas vidas e famílias, além das investigações, sempre incompletas, relacionadas a tais crimes. É exatamente sobre esses múltiplos desaparecimentos que a peça Bonecas Quebradas, em temporada no SESC Copacabana, se debruça, trazendo uma denúncia importante em relação à impunidade, à gratuidade e talvez à naturalização dos crimes perpetrados contra mulheres.

No palco, Ilea Ferraz, Lígia Tourinho e Luciana Mitkiewicz alternam vozes e personagens que apontam as condições de vulnerabilidade em que se encontram as mulheres e suas famílias, e o estado de ausência de soluções para essa aberração que se constitui num conjunto interminável de crimes que não parecem merecer a devida atenção das autoridades mexicanas. Como tem sido frequente encontrar, o que aparece mais uma vez (e a peça o assinala) é a ambiguidade do status das vítimas, que, em muitas situações, se tornam culpadas, de algum modo co-responsáveis pelos crimes a que foram submetidas.

O início da peça chama atenção: a plateia é dividida em grupos, que entram sucessivamente, e percorrem um itinerário onde encontram as atrizes lhes explicando as circunstâncias de alguns desaparecimentos. Depois, chega-se ao palco, coberto de um material que simula areia do deserto, com panos e tecidos brancos pendurados ao fundo, onde serão projetadas algumas imagens e filmes que falam sobre a violência contra as mulheres. As cadeiras são então dispostas em formato de L, onde os espectadores irão se sentar. Bonecas brancas, de pano, sem rosto ou características singulares, são penduradas sobre o palco de areia, compondo um quadro que remete aos corpos e ossadas de mulheres enterradas no deserto que circunda a região das mortes.

Esse cenário, bastante interessante e muito original, assinado por Rodrigo Cohen, nos faz pensar em duas representações: a do deserto como lugar geográfico, onde se dão as mortes ou seus enterros, mas também o lugar de ausência de vida, que não produz eco e onde não há proteção à integridade humana. Em suma, um lugar de total abandono. As bonecas penduradas são todas brancas, como se nada as distinguisse entre si, como se não houvesse marcas idiossincráticas de suas vidas anteriores aos crimes que sofreram, e aqui se tornam absolutamente iguais, unidas pelas mortes degradantes. Remetem também a fantasmas, que pairam sobre o deserto, como sombras irrecuperáveis.

A dramaturgia compartilhada de João das Neves, Verônica Fabrini, Isa Kopelman e as próprias Luciana e Lígia mescla algumas partes musicais, espécies de esquetes e trechos de histórias envolvendo personagens que sofreram violência. Traz ótimos momentos, em especial os que se referem aos personagens específicos que compõem as pequenas tramas que pontuam o espetáculo. É o caso do momento do desaparecimento de uma moça adolescente e a agonia de sua mãe que espera sua chegada, endereçando-se enfim à delegacia, onde é obrigada a responder a inúmeras questões que se mostram absolutamente sem sentido. Também é o caso da cena em que a mesma personagem está trabalhando na casa das patroas, e sua dor, estampada em seu rosto infeliz, torna-se um incômodo contraste face à festa que acontecerá em breve e que não deve ter máculas.

A direção musical de Silas Oliveira também ajuda a compor esses momentos, conferindo impacto e beleza a todas as cenas em que as atrizes encenam as peças musicais.

No entanto, talvez tenha havido certo excesso de fragmentação na dramaturgia proposta. Explico: a ausência de linearidade e a característica fragmentária e performática de uma obra não são problemas em si mesmos. Em Bonecas Quebradas, especificamente, isso até pode ter um sentido interessante, dado que, como o próprio nome diz, 'quebradas', já remete à fragmentação gratuita e extremamente violenta dos corpos das mulheres (mãos sem dedos, rostos sem mandíbula), algo que, além de tudo, transborda para além do corpo e se estende devastadoramente para famílias e vidas inteiras. No entanto, apesar de encontrarmos um sentido para a dramaturgia fragmentada, talvez a transposição de tal característica para a peça não tenha funcionado tão bem, tornando o espetáculo um pouco atordoante em alguns momentos. Eram muitas coisas para ver e pensar ao mesmo tempo, músicas, movimentos, projeções de imagens, atuações concomitantes, falas sobrepostas, que, ainda que sem perder o caráter necessário de denúncia, não lograram obter uma ordem harmônica.

Cláudia Chaves

Teatro, por Claudia Chaves:

'O Corpo da Mulher Como Campo de Batalha' e 'Bonecas quebradas'

10/06/2016 - 19:30

<http://lulacerda.ig.com.br/teatro-por-claudia-chaves-o-corpo-da-mulher-como-campo-de-batalha/>

O drama documental **Bonecas Quebradas** conta a história de **Ciudad Juarez**, no **México**, onde, desde 1994, milhares de jovens desapareceram ou foram encontradas mortas após rituais de violação e violência. No elenco, **Luciana Mitkiewicz**, **Lígia Tourinho** e **Ilea Ferraz**, com dramaturgia compartilhada de **João das Neves**, **Verônica Fabrini**, **Isa Kopelman**. O cenário, adornado de bonecas de panos e telas que mostram imagens documentais, dramatiza as histórias, que são ainda mais dramáticas na vida real.

Assim, a intensidade das encenações, o forte empenho das atrizes, sem nenhuma concessão a uma interpretação realista, desenha que a vida pode ser ainda mais pesada do que imagina a ficção. São docudramas da desvalia do sujeito na contemporaneidade, em que se veem massivamente os atos mais impiedosos para os quais ainda não conseguimos que alguma hashtag encontre solução.

- **Serviço:**
Sesc Copacabana
O CORPO DA MULHER COMO CAMPO DE BATALHA
Quintas aos sábados, às 19h e domingos, às 18h
- **BONECAS QUEBRADAS**
Quartas aos sábados, às 21h, e domingos às 20h.

